

# A carta de amor ao fado de uma suíça e uma húngara

*A ideia nasceu há muitos anos na cabeça de Céline Coste Carlisle, mas só com a ajuda de Judit Kalmar é que o documentário Silêncio – Vozes de Lisboa ganhou vida. Nesta semana abriu o FESTin – Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa.*

“Olha, é a Josefina!” Sentada diante de uma bica a uma mesa do restaurante Cana Verde, Céline Coste Carlisle interpela a mulher que se prepara para sair. “Então tudo bem? Não foi à estreia do filme. Tem de ver, aparece lá algumas vezes.” Josefina é a cozinheira do restaurante Esquina de Alfama, um dos cenários do documentário *Silêncio – Vozes de Lisboa* que a suíça Céline e a húngara Judit Kalmar realizaram e que abriu o FESTin – Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa. Uma homenagem aos fadistas de Alfama, a esta “família” como Céline lhe chama e da qual se orgulha de fazer parte, guiada por duas mulheres de gerações diferentes – Ivone Dias e Marta Miranda – mas também uma viagem pelas mudanças da cidade nos últimos anos.

Antes de sair, Josefina ainda deseja “um bom Natal e um bom ano “se já não nos virmos, que este foi para esquecer”. Céline e Judit despedem-se da mulher que faz a melhor cataplana de Lisboa e a conversa regressa ao inglês, o idioma comum. Mas depressa as duas amigas se começam a rir porque a língua foi precisamente um dos desafios nas gravações de *Silêncio – Vozes de Lisboa*. As entrevistas e conversas com os fadistas decorriam em português, Céline e Judit falavam em inglês, mas a equipa técnica que veio com a realizadora só falava húngaro. Uma mistura que reflete a essência desta coprodução, mas também esta Lisboa multicultural que lhe serve de pano de fundo.

**A viver em Lisboa desde 1999, há anos que Céline queria registar em filme a história de Ivone Dias.** “Mas sabia que para isso precisava de boa iluminação e de um bom som. Tentei uma primeira vez e estraguei tudo com o som”, explica. Primeiro procurou jovens cineastas portugueses, mas depressa descobriu que o fado não lhes interessava. “Eu não queria contratar uma pessoa, queria alguém para fazer um projeto artístico comigo”, conta. E esse alguém acabou por ser Judit.

Céline e Judit já se conheciam há algum tempo quando surgiu a ideia de trabalharem juntas no documentário. Habitadas a falar mais sobre os filhos ou sobre a sua vida em Portugal do que sobre os seus trabalhos, há quatro anos, numa visita de Judit a Lisboa, esta mostrou à amiga o documentário que tinha acabado de fazer e Céline lançou a hipótese de trabalharem juntas para tornar realidade o filme que há 15 anos tinha na cabeça fazer sobre Ivone Dias, uma fadista na altura já na casa dos 80 anos.

E foram juntas ouvi-la no restaurante Esquina de Alfama. “Fiquei UAU”, confessa Judit. O fado, que até então pouco ouvira, entrava assim na sua vida. De tal forma que hoje tem toda uma playlist de fados no telemóvel, que ouve enquanto trabalha – desde Amália Rodrigues, claro, até aos fadistas que gravaram para o documentário, a começar por Ivone e por Marta Miranda.

**“Faço sempre um pequeno teste aos meus amigos: se eles ouvirem Ivone cantar *O Meu Primeiro Amor*, a parte de ‘ter outra vez 20 anos’, e chorarem, passaram”, ri-se Céline. Judit passou com distinção.** A própria relação de Céline com o fado é muito antiga. “Quando era miúda dividíamos uma casa com a família de um médico que ouvia muito Amália. Mas eu não sabia o que era”, recorda. Criada numa família de músicos, e com uma educação em música clássica, a suíça confessa-se amante de ópera e sobretudo “de histórias contadas através da música”. Talvez por isso ou por causa dessas memórias de infância, quando chegou a Lisboa e voltou a ouvir fado foi como “reencontrar

uma canção perdida, reencontrar algo que amava mas que nem sabia”.



Passada a pressão da estreia no Cinema São Jorge, em Lisboa, com os músicos, Ivone e Marta na audiência, Céline respira de alívio. Todos os que viram o documentário parecem ter gostado. **“Até recebi uma mensagem de uma amiga a dizer que o marido gostou muito e comentou que parecia uma carta de amor ao fado”, conta Céline.** A própria Ivone ficou emocionada: “Passou o filme agarrada ao meu braço. Não agradeceu com palavras mas é a forma de se expressar.”

## Ultrapassar a desconfiança

Ultrapassar a desconfiança natural numa comunidade como a dos fadistas de Alfama foi o ponto de partida para o filme. “A filha de Ivone estava preocupada com o que íamos fazer com as imagens da mãe, com a sua história”, explica Céline. Talvez porque no passado já tinham tentado contar a história da fadista mas focando-se só na relação nem sempre fácil com o marido. “Nós quisemos contar a história toda”, remata a realizadora. E no final da estreia até os netos de Ivone vieram ter com elas, emocionados. Judit concorda: “É muito sensível. É a natureza dos documentários: as pessoas dão-nos as suas vidas. E quando o veem, é como olharem para um espelho. Claro que não podemos contar tudo, mas o importante é que eles sintam que é realista, que não seja ofensivo.”

Também Marta Miranda começou por resistir à ideia de entrar no documentário. Com uma relação mais recente com Céline, a fadista gosta de controlar a forma como aparece à frente das câmaras e por isso, quando a equipa apareceu no Tascabeat do Rosário e começou a fotografá-la, não achou muita graça. Mas acabou por aprender a confiar nas realizadoras e a contar a sua história.



**Para Judit, o primeiro contacto com Portugal aconteceu há 13 anos. A família – tem três filhas, pequenas na altura – veio passar um ano em Lisboa por causa do trabalho do marido. Voltariam, sete anos depois, para uma segunda estada de um ano. Desses tempos a ex-jornalista guardou a capacidade para perceber o português quase na perfeição.**

Foi logo naquele primeiro momento que Judit sentiu que esta era uma segunda casa. “Em parte foi graças às pessoas. Senti-me muito bem-vinda aqui.” E quando voltou à Hungria “foi como se a minha alma tivesse ficado para trás”. As semelhanças entre os dois países – “o tamanho, o calor do povo” – talvez expliquem esta paixão à primeira vista da jornalista tornada realizadora. Mas também as diferenças. E refere “a natureza, o campo, a imensa variedade de paisagens, o interior e o mar”. Coisas que a conquistaram, tal como a grande diversidade da sociedade portuguesa, “com pessoas vindas de todas as partes do mundo”. E explica: “Como eu me senti bem-vinda, outras pessoas podem facilmente ter um lugar neste país.”

**Também os fadistas de Alfama receberam “a menina dos olhos azuis” – como lhe chamou Ivone – na família. E apesar das “dores nas pernas”, a fadista acabou por abrir as portas da sua vida à equipa de filmagem.**

No início, Céline não queria aparecer em frente às câmaras, mas depois de algumas discussões mais acaloradas com Judit, lá aceitou ser “a terceira protagonista do filme”, como explica a realizadora húngara. Isto se não contarmos a própria Lisboa. A cidade, as suas mudanças, o *boom* do turismo, a gentrificação dos bairros típicos como Alfama, são o pano de fundo desta história, fazendo eco de um problema que muitas cidades estão a enfrentar – ou pelo menos estavam, antes da pandemia. E que acrescenta a *Silêncio – Vozes de Lisboa* um apelo universal.



Judit ajudou Céline a levar ao ecrã o filme que há tantos anos queria fazer.

© Paulo Alexandrino/ Global Imagens

**Financiado em parte graças a uma campanha de *crowdfunding*, o documentário acabou por ter um custo mais elevado do que inicialmente pensado, sobretudo devido aos direitos de autor das músicas** que Céline e Judit usaram. Mas conta também com apoios de entidades como RTP, Museu do Fado, Fundação Gulbenkian.

Para já o filme tem legendagem em inglês – um verdadeiro desafio que ficou a cargo da filha de Céline entre a transcrição das entrevistas, a tradução fiel da mensagem para inglês e depois o poder de síntese para caber no ecrã e dar tempo ao espectador para as ler. Na calha estão já também versões em francês e húngaro. Para além da estreia no São Jorge, *Silêncio – Vozes de Lisboa* já esteve ou vai estar presente em mais de uma dezena de festivais de cinema – da Coreia do Sul à Argentina, passando pelos EUA, Congo ou Israel. Está ainda prevista a sua exibição na RTP e as realizadoras esperam que, passada a pandemia, seja possível a sua exibição nas salas de cinema. Mas Céline e Judit querem também levar o filme às comunidades – “afinal é sobre elas” – não só em Lisboa como a outras zonas do país. E as realizadoras não têm dúvidas: “Se conseguirmos ter os músicos connosco, com certeza levaremos atuações maravilhosas até estas pessoas.”

Fonte: DN

Ver também:

[\*Ouçam! Silêncio – Vozes de Lisboa. Filme de Judit Kalmár & Céline Coste Carlisle\*](#)